

A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO DE VIDA NA PERSPECTIVA WEILIANA

LA FILOSOFIA COME ESERCIZIO DI VITA NELLA PROSPETTIVA WEILIANA

Wilmar Adriel Wolff Rodrigues¹
Bortolo Valle²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo trabalhar um conceito de Filosofia que possa ser definido como um exercício de vida, a partir da concepção da filósofa francesa do século XX Simone Weil. De forma inicial, realizou-se uma incursão sobre a emergência no século XX de uma epistemologia feminina, a qual é construída e pensada fundamentalmente por mulheres. Ao longo do desenvolvimento do pensamento Ocidental há uma grande ausência da figura feminina, a qual somente ganha força no século XX frente as grandes tragédias do século. Tal epistemologia realiza a troca de um paradigma, ou seja, retira a razão como centro de reflexão e coloca o afeto, colocando agora em pauta assuntos como o sofrimento, empatia, amor, ou ainda, o exílio. O afeto distintamente da razão inclui, proporciona inclusão e não exclusão (como muitas vezes se percebe no uso da pura razão). Simone Weil foi uma das pensadoras que trabalhou sob uma epistemologia feminina, partindo primordialmente do conceito de sofrimento, ou melhor, *Maulheur*, isto é, o desgraçado, aquele que está aleijado de si mesmo. Simone Weil, frente a isso, realiza uma espécie de segunda revolução copernicana, pois ela deixa de “pensar” no problema do sofrimento de forma externa (realizado na epistemologia masculina), para se pensar de dentro do sofrimento, em outras palavras, vivendo o problema em questão. Não é mais dos filtros da academia que se reflete a condição humana, mas da própria condição humana para a academia. Por fim, ressalta-se que o método utilizado foi o bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia feminina. Afeto. Simone Weil. Sofrimento.

RIASSUNTO: Il presente articolo si propone a riflettere su un concetto di Filosofia che può essere definito un esercizio di vita, basato sulla concezione della filosofa francese del XX secolo Simone Weil. Inizialmente si è compiuta un'incursione sull'emergere nel Novecento di un'epistemologia femminile, che è costruita e pensata fondamentalmente dalle donne. In tutto lo sviluppo del pensiero occidentale c'è una grande assenza della figura femminile, che prende forza solo nel Novecento, di fronte alle grandi tragedie del secolo. Una tale epistemologia cambia un paradigma, cioè rimuove la ragione come centro della riflessione e pone l'affetto, mettendo ora all'ordine del giorno questioni come la sofferenza, l'empatia, l'amore o persino l'esilio. L'affetto distinto dalla ragione include fornisce inclusione e non esclusione (come spesso si vede nell'uso della ragione pura). Simone Weil è stata una delle pensatrici che ha lavorato sotto un'epistemologia femminile, partendo in primis dal concetto di sofferenza, o meglio, *Maulheur*, cioè lo sventurato, colui che è storpio da se stesso. Simone Weil, di fronte a ciò, compie una sorta di seconda rivoluzione copernicana, in quanto smette di “pensare” il problema della sofferenza esternamente (effettuato nell'epistemologia maschile), per pensare dal di dentro la sofferenza, cioè vivere il problema in domanda. Non è più dai filtri dell'accademia che si riflette la condizione umana, ma dalla condizione umana stessa all'accademia. Infine, si rileva che il metodo utilizzato riguarda la bibliografia.

PAROLE CHIAVE: Epistemologia femminile. Affetto. Simone Weill. Sofferenza.

INTRODUÇÃO

A filosofia ao longo de seu desenvolvimento foi fundamentalmente marcada pelo pensamento masculino, ou seja, uma forma masculina de se pensar a realidade, a qual se pauta no uso da razão, da lógica e da sistematização. As coisas do mundo sempre foram pensadas de dentro da academia, isto é, se refletia sobre os fenômenos da natureza, fora da própria natureza. No entanto, no século XX, começa a emergir uma nova epistemologia construída por mulheres, por um pensamento feminino, que busca refletir as problemáticas de dentro delas.

1 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina de Curitiba-PR. Contato: wilmarrodrigueswolff@gmail.com

2 Orientador. Possui Graduação em Filosofia e especialização em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); Mestrado em Filosofia e Doutorado em Comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e da Faculdade Vicentina.

Dentre às filósofas que surgiram no século passado, pode-se destacar o pensamento de Simone Weil e sua noção de sofrimento, a qual apresenta a filosofia como uma espécie de exercício de vida, sendo esse o foco dessa pesquisa. Temas como o sofrimento, empatia, amor, ou, o exílio, não haviam sido discutidos dentro das reflexões filosóficas, tal como ocorre dentro dessa epistemologia feminina. A Filosofia sempre foi pensada a partir do aspecto racional do homem, tal como afirma Aristóteles.

Esta nova epistemologia feminina realiza uma troca de paradigmas, em outras palavras, tira a razão do centro de reflexão para colocar o afeto no lugar da razão. A racionalidade é repensada a partir da afetividade, a qual valoriza mais os aspectos artísticos e simbólicos das coisas e não tanto os elementos racionais. Este modo de se fazer filosofia, não exclui a lógica, apenas a muda, isto é, troca a lógica do “se, então”, para “se, também”. Portanto, o afeto inclui e não exclui, está aberto ao outro, mas quem é o outro? O diferente de nós, tal como nos diz Edith Stein.

O sofrimento também é um dos conceitos que se encaixa na epistemologia feminina. O sofrimento ocasionado pela guerra, pelos movimentos totalitários, mas principalmente aqueles resultantes do trabalho. Para ela, o trabalho arranca do homem a sua dignidade, reduzindo-o a um mero escravo. É aqui que nasce a concepção de *Maulheur*, isto é, o desgraçado, aquele que está aleijado de si mesmo. Frente a isso ela afirma que Marx realizou uma ótima reflexão acerca do tema, mas que o mesmo falhou, pois em sua percepção não existe em Marx nenhum tipo de moral, pois o criador do marxismo nunca trabalhou, somente viu o problema com os olhos da academia.

Simone Weil realiza uma inversão no modo de se refletir os problemas do mundo, saindo da academia para olhar a coisa de dentro da coisa. É a partir disso que ela apresenta a filosofia como um exercício de vida, uma terapia que proporciona um conhecimento sobre si mesmo. Em vez de se falar, pensar e refletir os problemas da sociedade, o melhor é vive-los, senti-los. Este modo de pensar é chamado de metafilosofia, ou seja, é falar da filosofia fora da mesma e dentro do problema. Portanto, a filosofia para Weil é fundamentalmente um modo de ser, um modo de se viver.

1 EPISTEMOLOGIA FEMININA: O AFETO NO LUGAR DA RAZÃO

Ao longo de todo o pensamento Ocidental se nota uma vasta produção filosófica, as quais buscam responder as maiores questões de filosofia, isto é, problemas de metafísica, ética, política, ou ainda, problemas do conhecimento. Contudo, pode-se observar uma ausência no desenvolvimento da filosofia: produção feminina. Portanto, a grande falta da filosofia ocidental é a presença feminina no pensar, uma vez que, predomina um tipo de epistemologia masculina em que prevalece a capacidade racional do homem em pensar nos problemas.

Porém, é incorreto afirmar que nunca existiu uma produção feminina, pois, a mesma sempre esteve presente, mas era colocada de lado. É somente no século passado que começa a emergir com maior força a produção de uma epistemologia feminina, ou seja, uma filosofia produzida e pensada por mulheres. Não é somente na filosofia que se encontra essa falta, mas na maioria das áreas do conhecimento, como por exemplo, a ciência. Alguns exemplos da exclusão da mulher podem ser apresentados conforme a filosofia foi se desenvolvendo.

No período medieval, a mulher que demonstrasse algum tipo de conhecimento superior era relacionada a bruxaria, tal como se observa na obra *O Martelo das feiticeiras* “com a permissão de Deus, o diabo é capaz de se apresentar em forma de bruxa ou de possuir o corpo de uma bruxa real” (p. 200). Também em Aristóteles é possível perceber essa exclusão, pois segundo o filósofo grego às mulheres são naturalmente inferiores: “Entre os bárbaros a mulher e o escravo se confundem na mesma classe. Isso acontece pelo fato de não lhes ter dado a natureza o instinto do mando” (2017, p. 12).

Exemplificando ainda mais o quanto a presença feminina é vista em sua inferioridade, nota-se como o Gênesis a apresenta, ou seja, como a primeira pecadora: “A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe o fruto e comeu. [...] O homem respondeu: ‘A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!’ (Gn 3, 6-12). Ante o exposto, pode ser feito o questionamento do porque a presença da mulher sempre foi sendo colocada de lado em relação aos homens (sentido de masculino, macho)?

Isto ocorre, pois a figura feminina é sempre vista como algo frágil e incapaz de assumir responsabilidades. Tudo isso evidencia apenas os traços misóginos presentes na marcha da história humana, em que, os homens são apresentados como superiores, e as mulheres são colocadas em posição de submissão. (PONCIANO; ARBO, 2022, p. 21). Tal questão fica mais clara na afirmação de Ponciano e Arbo,

Dessa maneira, qualquer estrutura seja ela cultural, política ou social, que esteja alicerçada em um pensamento de uma predisposição natural, que por sua vez, classificam seres em uma escala hierárquica com base na genitália, tal estrutura pode ser de pensamento que se configura como misógeno. (2022, p. 21).

Logo, percebe-se que existe a dualidade entre homem e mulher. Contudo, as mulheres começaram a ganhar seu espaço no campo da filosofia e da ciência no século XX, formando uma nova forma de se pensar a filosofia. Pode-se, portanto, afirmar que existe dois tipos de se fazer filosofia, primeiramente aquela marcada pela razão chamada de “epistemologia masculina” e outra que se guia pelo “afeto”, isto é, uma “epistemologia feminina”. Esses dois modos são encontrados desde os gregos, tal como afirma Zambrano: “É em Platão onde encontramos a luta com todo o seu vigor, entre as duas formas da palavra, com a resolução triunfal para o logos do pensamento filosófico, decidindo o que poderíamos chamar ‘a condenação da poesia’”.³ (2021, p. 7).

1.1 EPISTEMOLOGIA: MASCULINA E FEMININA

Observa-se que no desenvolvimento da história da filosofia foi se firmando duas epistemologias, isto é, uma masculina e outra feminina. Na forma masculina se percebe a predominância da razão, a qual desde os gregos é apresentada como um atributo puramente do homem: “para o homem não existe maior felicidade que a virtude e a razão, e que, ao mesmo tempo, por isso, ele deve regular a sua conduta.”

³ Maria Zambrano não está se referindo diretamente a questão do afeto, mas sim a poesia, mas pode se levar em conta que a mesma se guia a partir de uma base afetiva.

(ARISTÓTELES, 2017, p. 117). Portanto, somente o homem possui a arte de pensar, de fazer uso da lógica, de agir coerentemente e de atuar politicamente, pois é naturalmente um ser racional.

Percebe-se uma espécie de tríade presente no homem e que não aparece na mulher (conforme o pensamento grego): o homem é possuidor de uma razão, a qual se encontra na cabeça, onde há pensamento. Tal tríade ao olhar para as coisas do mundo busca instantaneamente racionalizá-las, em outras palavras, busca olhar a partir da lógica, a qual constitui o método experimental buscando eliminar tudo aquilo que não é racional, aquilo que é emocional. Age, por conseguinte, com uma frieza marcada por uma personalidade calculista. A verdade somente pode ser obtida a partir dessa epistemologia.

Diante disso, a mulher é colocada de lado, ou seja, observa-se que o homem “é”, enquanto a mulher não é nada. Para que ela possa “ser” ela deve se unir a um homem e abandonar sua família, assumindo o nome de seu cônjuge. Ela se torna propriedade do marido para ganhar algum tipo de dignidade. Essa compreensão da mulher como aquela figura frágil é uma herança grega que afirma que somente o homem é naturalmente um animal racional e político. A mulher é uma ausência, pois é marcada pela falta da capacidade racional.

Contudo, a razão no século XX começa a ser repensada por uma epistemologia feminina que cada vez mais vai emergindo das periferias do pensamento, para ganhar o lugar de destaque, a qual merece. A epistemologia feminina busca compreender o sujeito de uma forma distinta do modo masculino de se pensar. Começa aqui surgir diversas pensadoras que auxiliam compreender a realidade tal como ela é, desvinculando-se do paradigma da razão. Conforme Ponciano e Ardo,

As teorias feministas, especificamente o que pode ser chamado de uma epistemologia feminista, procuram novas formas de compreender o “sujeito”, e porque não dizer?, repensar o sujeito, encontrar outras definições e possibilidades investigativas para esse sujeito, de modo a fugir do falso posicionamento de um binarismo tácito que só traz marcas estéreis, ou preconceituosas, ou estereotipadas, ou falsas, enfim, marcas que *ainda* deslocam a mulher para um lugar em que a violência simbólica, a violência física, a patrimonial, entre outras, sejam vistas como “normais” ou “naturais”. (2022, p. 25-26)

Portanto, é necessário retornar à história e procurar dirigir uma nova forma de se pensar as crises e a realidade, tal como ela se apresenta. Diante disso, pode-se afirmar que a epistemologia feminina, com esse “novo olhar”, faz aflorar um novo paradigma, em outras palavras, buscar colocar em primeiro plano aquilo que ao longo de toda a filosofia Ocidental foi colocado de lado: o afeto. A razão é repensada a partir do afeto. Essa troca não exclui a lógica, no entanto, a altera, ou seja, da lógica do “se, então”, para a lógica do “se, também”. Ela integra e une, é holística.

Esta epistemologia ainda olha para a experiência, mas não a vê como um fim em si mesma. O que prevalece nessa forma não é mais a lógica, a ética, gnoseologia, estética, ou ainda, a ontologia⁴, mas o afeto, a dimensão simbólica, a poesia e a arte. Tal como afirma Pascal, “o coração tem razões que a própria razão desconhece”, assim começa a predominar o afeto no lugar da razão. É importante evidenciar que, a epistemologia feminina não é própria para mulheres, mas para todos aqueles que desenvolvem um tipo de filosofia pautada no afeto e na integração.

⁴ É importante destacar que a epistemologia feminina não exclui nenhuma dessas características, mas apenas as coloca em um segundo, ou ainda, um terceiro plano.

Começa a haver uma primeira ruptura com a filosofia masculina, em que há o protagonismo das mulheres filósofas. As mesmas trazem para a filosofia temas acerca da afetividade que não haviam sido comentados, como por exemplo, o conceito de empatia de Edith Stein, o sofrimento em Simone Weil, a ideia do exílio em Maria Zambrano e o amor em Hannah Arendt. Nesse trabalho, será dado ênfase a produção filosófica de Simone Weil, destacando o seu modo de fazer filosofia, ou ainda, uma filosofia do engajamento.

2 A FILOSOFIA DE SIMONE WEIL

A filosofia de Simone Weil é ampla e gira entorno dos problemas presentes na sociedade e nos acontecimentos do século XX. Ante a isso, ela dá certa atenção ao conceito de sofrimento humano, isto é, o sofrimento ocasionado pela guerra e pelos movimentos totalitários. A questão é, como que a razão chegou a seu limite e a ciência entrou em crise após o século que prometeu libertar todos de sua ignorância (Iluminismo)? Logo, Weil procura uma forma de reparar o problema da opressão humana (PONCIANO, 2021, p. 272).

O século passado foi o palco de acontecimentos genocidas e Weil vivenciou bem de perto tais atentados contra a vida, a destituição da dignidade dos seres humanos e o rebaixamento das pessoas para as piores periferias da existência. Tais atrocidades ocorrem a partir daquilo que os filósofos frankfurtianos chamaram de Razão instrumental⁵, uma vez que, é a partir desse tipo de racionalidade que se desenvolveu os movimentos totalitários, pois faz de tudo um instrumento para a obtenção de sucessos particulares e para realizar o interesse de alguns.

Ponciano afirma que,

o que queremos demarcar aqui, aplicando a crítica de Simone Weil, é que depois daquilo que chamamos de Século das Luzes, depois de atingirmos uma independência, não somente estatal (em que o governo por sua vez se compromete em zelar pela vida humana, conferindo-lhe dignidade por lei), mas individual (Kant em seus escritos exclama: “*Sapere aude!*” Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento; tal é o lema do Esclarecimento *Aufklärung*); depois de avançarmos tanto no conhecimento e pautarmos nossa vida não mais em uma força ditatorial que “transcende” a nós, mas de guiarmos-nos a partir do nosso entendimento; depois de nos nomearmos seres civilizados, não tínhamos mais o direito, em pleno século XX, de vislumbrarmos um período tão sangrento e de tanta miséria. (2021, p. 272-273)

É diante desse contexto que Weil procura levantar sua reflexão acerca do sofrimento. Ela desenvolve sua filosofia de forma fragmentária, os quais são “construídos com sutileza mas recortados como que a golpes de machado, não se pretendem propriamente criadores de filosofia como exercício sistemático” (VALLE, 2022, p. 72). É desse modo que ela desenvolve sua filosofia, fugindo do ambiente acadêmico e da forma sistemática de se fazer filosofia, para adentrar na realidade como ela é. Para melhor compreender seu modo de fazer filosofia é necessário olhar como ela pensa a questão do sofrimento, agora para além da

⁵ Tal razão “é inteiramente incapaz de fundamentar ou propor em discussão os objetivos ou finalidades com que os homens orientam suas próprias vidas. A razão é razão instrumental porque só pode identificar, construir e aperfeiçoar os instrumentos ou meios adequados para alcançar fins estabelecidos e controlados pelo sistema.” (ANTISERI; REALE, 2006, p. 474).

guerra e do totalitarismo.

Weil dá certa atenção para o sofrimento que se obtém no trabalho, o qual arranca toda a dignidade do homem, reduzindo-o a um mero escravo, transformando-o em um homem unidimensional. Tudo isso gera no ser humano um estado de esgotamento, uma vez que, o mesmo é reduzido ao trabalho e está esgotado para as outras dimensões da vida. Portanto, para designar esse sofrimento ela utiliza a expressão *Maulheur*, que em sua tradução literal se aproxima do sentido de desgraçado, aquele que está completamente aleijado de ser. O homem possui uma impotência de ser, pois o trabalho tira essa capacidade.

Para melhor refletir acerca dessa questão ela parte do marxismo, onde realiza elogios e críticas simultaneamente. Ela afirma que Marx nos deu um belíssimo retrato da relação de trabalho, mas ele mesmo nunca trabalhou, logo não há uma moral em Marx, pois não existe vontade humana, mas de classe, e tão pouco um conceito de homem, pois o que existem são relações de trabalho, consciência de classe. É por isso que se percebe que se encontra elogios e críticas, tal como apresenta Chenavier,

É difícil encontrar passagens sobre Marx nas quais a reprovação e o elogio não estejam simultaneamente distribuídos. Por exemplo: “O método ‘permanece um instrumento virgem’, nenhum marxista se serviu verdadeiramente dele, a começar pelo próprio Marx. [...]” Assim, Marx se depreciou tão logo foi apreciado:

- Ele esboça uma *filosofia do trabalho*, mas não a elabora como doutrina;
- Ele cria um *método*, mas não se serve dele;
- Ele *descreve a opressão* capitalista, mas não analisa as causas da opressão;
- Ele estabelece que é preciso uma *ciência social*, mas não a desenvolve;
- Ele descobre a noção de *condição da existência*, mas não a utiliza, contentando-se, como veremos, em ser Lamarck, quando era preciso ser Darwin. (2011, p. 92)

Por conseguinte, como em Marx não há uma moral, ela retorna a Kant, uma vez que, é quem proporciona o conceito de moral mais acabado. Contudo, no filósofo iluminista não há a ideia de sujeito, isto é, há uma moral sem sujeito, pois se trata de uma ética do dever. Logo, Weil busca em Descartes a noção de sujeito, mas no mesmo ainda falta uma transcendência. Ela chega a Platão, o qual possui a transcendência das ideias. Porém, ainda com Platão, Simone Weil não consegue encontrar explicações para o problema do sofrimento. Diante disso, ela somente consegue achar a expressão e explicação mais profunda para esse conceito no mistério da cruz de Cristo, pois vê nesse ato o abandono do Cristo⁶, esvaziamento total de si.

Simone Weil desenvolve sua filosofia a partir da busca pela compreensão do que é o sofrimento, de forma específica o sofrimento do trabalho, o qual é inerente ao homem e remove sua dignidade⁷. Contudo, sua filosofia não é desenvolvida de fora, tal como em Marx que olha a partir da academia, mas de dentro, isto é, trabalhando se observa a realidade dos trabalhadores. O sofrimento é um dos conceitos principais de Weil, mas para se chegar a ele deve se observar que a filosofia é antes de tudo estar dentro dos problemas de forma empírica, ou ainda, utilizar a reflexão filosófica como um exercício de vida.

6 Maulheur nesse caso pode ser representado como o grito do Cristo no Getsêmani. Também é possível notar essa noção desde o cântico de Maria: “Demonstrou o poder de seu braço, dispersou os orgulhosos. Derrubou os poderosos de seus tronos e os humildes exaltou. De bens saciou os famintos e despediu, sem nada os ricos.” (LC 1, 51-53).

7 Remove a dignidade a partir da ideia de mais-valia de Marx, a qual afirma que o homem de trabalhar mais para que haver um aumento do número da produção. A partir da mais-valia, começa a surgir também o conceito de alienação, em que, o trabalho, o produto se tornam estranho para o próprio produtor.

3 A FILOSOFIA COMO UM EXERCÍCIO DE VIDA

Quando se fala em reflexão filosófica ou em filosofia se pensa ela de dentro, isto é, se consegue definir o que é a Filosofia dentro de uma filosofia. Por exemplo, ao se identificar com alguma área, como por exemplo, a fenomenologia eu vou defender a visão fenomenológica sem me preocupar com outros modos. No entanto, Simone Weil adota um caminho distinto, pois ela não pertence a nenhuma filosofia, mas transita nas filosofias, ou seja, ela possui um espírito livre, ou ainda, se nomeia antiacadêmica.

Eu posso estudar algo de forma acadêmica, por exemplo, o sofrimento, a partir dos filtros dados e apresentados pela academia, ou seja, ao olhar o conceito de sofrimento se define um pensador como fonte e guia de reflexão, juntamente da sua teoria, e utilizando critérios científicos eu reflito acerca do problema, buscando compreender o que é a coisa. Mas pode-se estudar de forma não acadêmica, na qual em vez da filosofia ir até o mundo, é a vida, em sua concretude, que vai para dentro do ambiente acadêmico. No primeiro caso apenas é possível falar do problema, já no segundo se vive o problema.

Simone Weil entende que a filosofia, como qualquer área do conhecimento, não deve estar presa a um espaço designado a se “catequizar”, ou se preferir, desenvolver ciência, mas que o conhecimento deve estar interligado à vida. A ciência deve provocar no cientista um impulso de comprometimento com o outro. A filosofia, portanto, não deve estar ligada somente a um espaço, um livro e um professor, mas à vida. Sem conhecer a realidade tal qual ela é, sem o mergulho na realidade, motivada pelas teorias e sem engajamento, do “intelectual” com a promoção da vida, nada se faz. (PONCIANO, 2021, p. 289-290)

Ela adentra no trabalho para compreender o que é o sofrimento, olhando de dentro da própria coisa e não de fora. Weil diz que “o homem que massacra não sente nada: é o que está massacrado que sente. Não podemos compreender enquanto não nos pusermos entre os oprimidos para sentir com eles” (WEIL, 1979, p. 31). É a partir disso que Simone Weil realiza uma espécie de segunda revolução copernicana na filosofia, pois não é mais dos filtros da academia que se reflete a condição humana, mas da própria condição do homem para o âmbito acadêmico.

É nesse sentido que a filosofia se torna um modo de ser, uma vez que, falar de questões filosóficas se torna fundamentalmente um falar da própria vida. O que há aqui é uma meta filosofia, pois se coloca dentro da vida para falar se filosofia. O espaço da reflexão filosófica em Simone Weil está em perfeita consonância com o espaço da vida, ou para utilizar um conceito da fenomenologia, com o Mundo da Vida das pessoas. O pensar não é algo separado da realidade concreta, mas junto a ela.

Portanto, a filosofia é antes de tudo uma reforma interior, isto é, na medida que, se volta para o exterior, o pensamento se serve como uma atividade terapêutica, ou seja, um trabalho sobre si mesmo (VALLE, 2022, p. 73). É dessa forma que ela reflete sobre o sofrimento, a partir de dentro do próprio sofrimento, trabalhando nas fábricas junto a outros operários, fazendo da filosofia um modo e um exercício de vida, ou ainda, apontando que entre a vida e o pensamento filosófico existe uma simbiose.

Logo, Weil aponta que,

Filosofia – a busca pela sabedoria – é uma virtude. É um trabalho em si mesmo. Uma transformação do ser. (Transforma toda a alma) [...]. Uma filosofia é uma maneira certa

de conceber o mundo, os homens e a si mesmo. Ora, um certo modo de conceber implica um certo modo de sentir e um certo modo de agir [...] e isso em todos os momentos, em todas as circunstâncias da vida, do mais vulgar ao mais dramático, na medida em que é concebido. (citado por VALLE, 2022, p. 73)

Portanto, ante o exposto, a filosofia de Weil é imanente, pois está encarnada e enraizada no mundo, ou seja, na concretude da vida. Logo, fazer filosofia é realizar uma terapia, um trabalho sobre si mesmo, é um modo de ser, ou ainda, um exercício de vida. É olhar os problemas de dentro dos problemas e não olhando de fora para dentro, tal como fez Marx. É na ação concreta que a filosofia se realiza. Existe também aqui uma reflexão ética, pois a vida se conduz pela reflexão filosófica, ou ainda, da própria responsabilidade que nasce dessa (VALLE, 2022, p. 79). É somente na *práxis* que a filosofia se realiza verdadeiramente e não se reduzindo a *doxa*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia sempre foi pensada e desenvolvida por homens, os quais excluía ou limitavam a presença da mulher em trabalhos intelectuais, reduzindo-as ao serviço de casa ou a pura genitalidade, ou seja, o que interessava era o órgão reprodutor, tanto pelo prazer, quanto pela reprodução da espécie. A epistemologia masculina é marcada por uma forma fria e calculista de se pensar, guiando-se por uma lógica e uma sistematização do conhecimento. Contudo, nota-se que ao longo do século passado uma nova epistemologia começou a emergir, uma forma de se pensar marcada pelos traços femininos.

A epistemologia feminina realiza a troca do modo racional de se pensar, para colocar a afetividade. Agora, para as mulheres filósofas, o que guia o pensamento é o afeto, aquele que inclui o outro, que reflete sobre problemas que nunca antes haviam sido debatidos, como por exemplo, o sofrimento, empatia, o amor, a posição da mulher na sociedade, o exílio. Todos a partir de bases afetivas. O afeto é aquele que inclui, ao contrário do modo racional de se fazer filosofia, uma vez que, o mesmo busca eliminar tudo aquilo que não é racional.

Dentre tantas pensadoras do século XX, destaca-se a judia Simone Weil com o conceito de sofrimento e a noção da filosofia como um exercício de vida. Como foi observado, o sofrimento dentro do contexto de Weil foi resultado das grandes guerras, do totalitarismo, mas igualmente do trabalho, ponto central da autora. Weil afirma que o trabalho arranca a dignidade do homem, tira o seu ser, ou ainda, como nos afirma Marcuse, o reduz a uma unidimensionalidade. O homem se torna escravo do trabalho.

Para ela, quem melhor refletiu sobre esse tema foi Marx, contudo, o mesmo cometeu um erro, pois em sua filosofia não há uma moral. Marx realizou uma análise das relações de trabalho, mas ele nunca trabalhou. Portanto, Weil afirma que é necessário sair de dentro da academia para se viver os problemas e refletir acerca deles, como um esvaziamento de si, tal como fez o Cristo na cruz. Portanto, conclui-se que é necessário fazer da filosofia um modo de ser, de se viver, um exercício de vida, uma vez que, a mesma se realiza na *práxis* cotidiana. A filosofia é antes de tudo uma terapia sobre si mesmo, na descoberta sobre si mesmo, que lança o convite para se viver os problemas de dentro e não de fora.

REFERÊNCIAS

ANTISERI, D.; REALE, G. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. 6v.

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Lafonte, 2017.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalem**. São Paulo: Paulus, 2017.

CHENAVIER, R.. Simone Weil leitora de Marx. In: BINGEMER, M. C. L.; R. PUENTE, F. (org.). **Simone Weil e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2011. p. 89-114.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

PONCIANO, J. V.; ARBO, J. B. A epistemologia feminina enquanto novo paradigma. In: PONCIANO, J. V.; BRÍGIDO, E. (org.). **A Revolução do Pensamento Feminino: marcas de esperança**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2022. p. 21-34. (2).

PONCIANO, J. V.. Simone Weil: um espírito marcado pelo descontentamento e pela compaixão. In: PONCIANO, J. V.; BRÍGIDO, E. (org.). **A Revolução do Pensamento Feminino: epopéia de novos tempos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 265-294.

VALLE, B. *Mosus Vivendi* como *phatos* filosófico: a metafilosofia em Simone Weil. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 49, n. 153, p. 69-86, jan./abr. 2022

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ZAMBRANO, M. **Filosofia e Poesia**. Tradução de Fernando Miranda. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.